

Canudos – Tomochic: Escritas de Sublevação e Resistência na América Latina

Juan Ignacio Azpeitia⁶⁵

Resumo: Este artigo apresenta uma revisão da produção literária e historiográfica que se refere a dois episódios marcantes do final do século XIX na América Latina. Dois massacres que foram perpetrados impunemente contra populações que somente desejavam viver na forma em que tinham vivido antes da chegada do invasor europeu e seu projeto modernizador. O arraial de Belo Monte ou “Canudos” como ficou conhecido na literatura, povoado do sertão brasileiro, foi exterminado até o último homem em nome do “progresso”. Em forma análoga Tomochic, aldeia ainda menor na Serra Tarahumara, no Norte do México sofreu idêntico destino. Procuro salientar os pontos de coincidências de modo a ressaltar a simultaneidade dos processos vividos em diferentes partes da América Latina e como sua identidade comum foi se constituindo.

Palavras-chave: Literatura; História; Massacres; América Latina.

Resumen: Este artículo presenta una revisión de la producción literaria e historiográfica que se refiere a dos episodios marcantes de finales del siglo XIX en América Latina. Dos masacres que fueron perpetradas impunemente contra poblaciones que solamente deseaban vivir de la forma en que habían vivido hasta la llegada del invasor europeo y su proyecto modernizador. La aldea de Belo Monte, o “Canudos” como se hizo conocida en la literatura, población del sertón brasileño, fue exterminada hasta el último hombre en nombre del “progreso”. En forma análoga Tomochic, aldea en la Sierra Tarahumara, al Norte de México, sufrió idêntico destino. Busco destacar en este trabajo las coincidencias entre los dos episodios históricos, a modo de resaltar la simultaneidad de los procesos vividos en diferentes partes de América Latina. Es posible de esta forma observar los caminos por los que una identidad latinoamericana puede ser interpretada.

Palabras-clave: Literatura; Historia; Masacres; América Latina.

Abstract: This paper presents a review from literary and historiographic production about two outstanding episodes in late XIX century Latin América. Two massacres perpetrated with impunity against people who only wanted to live in the way they used to live before the arrival of European invaders and their modernizing project. The village of Belo Monte, or “Canudos” as it became known by literature, small thorp in Brazilian “sertão” was exterminated until the last men in the name of “progress”. In analogous form Tomochic, an even smaller hamlet in Tarahumara mountains, north of México, suffered identical fate. I try to stress coincidence points, looking to highlight the simultaneity of processes lived in different parts of Latin América and how its common identity has been constructed.

Keywords: Literature; History; Mass killing; Latin América.

⁶⁵ Mestre em Estudos de Linguagens pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Professor Substituto do Departamento de Espanhol da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Email: inaciobahia@yahoo.com.br

O objeto deste estudo são apenas relatos, construções discursivas. Não procuro aqui a verdade histórica, nem aspiro a uma objetiva descrição de fatos documentados. Os historiadores têm trabalhado muito nisso. Me interesso por dois relatos, duas narrativas que têm grande importância na América Latina tanto do ponto de vista histórico e social quanto literário. Um deles é o enfrentamento que teve lugar no Nordeste brasileiro, no povoado que ficou conhecido pelo nome de Canudos, que culminou com a total destruição do local em 1897. O outro se refere a luta produzida no Norte do México, em Tomochic, em 1892 e que também concluiu com o total extermínio de seus habitantes.

Quando me refiro a relatos utilizo a forma plural, pois é múltipla a quantidade de narrativas que se disparam a partir destes momentos históricos e de seus protagonistas. Existem, tanto no caso mexicano como no brasileiro, dois textos fundacionais que tem uma transcendência que os constitui em referência obrigatória. Para as lutas da Sierra Madre Occidental do México é decisiva a importância do romance *Tomochic* de Heriberto Frías, publicado anonimamente pela primeira vez nas páginas do periódico *O Democrata* em 1893. Os episódios da guerra de Canudos encontram seu espaço canônico no pensamento brasileiro a partir da publicação em 1902 de *Os Sertões* de Euclides da Cunha.

Utilizo ao falar destes dois textos principais o conceito de “fundação” como ele é apresentado por Eliseo VERON (1997) pois entendo que se adapta muito bem para compreender a relação inter-discursiva que mapeia este conjunto de relatos. O semiólogo argentino afirma que todo texto tem necessariamente outros textos como condições de produção, nenhum texto aparece do nada, sem que exista um precedente que antecipe sua existência. Ao mesmo tempo, sabendo que cada texto produz tantas instâncias de reconhecimento como leitores têm, entende que somente é possível acessar essas gramáticas de reconhecimento a partir dos novos textos que são produzidos e que tem ao primeiro dentro das suas condições de produção. Dentro desta teoria, a cada texto pode ser atribuído um conjunto que formaria suas condições de produção e um segundo conjunto composto pelas suas condições de reconhecimento. Para Verón existem alguns textos onde a simetria destes conjuntos é visivelmente alterada, sendo que as instancias de reconhecimento são notoriamente mais numerosas quantitativa e qualitativamente que as de condições de produção. Para estes textos ele reserva a denominação de “Fundações”, termo que designa um momento na cadeia de produção social de sentido em que grandes alterações são introduzidas.

Os casos de Tomochic e de Canudos são sintomáticos neste aspecto. Especialmente considerando a importância de serem textos literários que influenciam na instalação destes episódios históricos na memória social. Outros textos formam, logicamente, o conjunto das condições de produção de Frías e Da Cunha e, curiosamente ou não, são muitas as coincidências que encontramos ao realizar esta reconstrução. Notoriamente, a influência tanto de Emilio Zola como de Victor Hugo é marcante em ambos os casos, porém a reiteração de uma problemática eminentemente americana é o que mais nos interessa.

A natureza dos relatos que nos ocupam é radicalmente diferente dos seus modelos europeus, os sujeitos da ação são outros e, mesmo querendo adaptar a narrativa a formas já conhecidas, a força dos sucessos acaba transbordando esse marco de origem. Seguindo a ideia de Verón, podemos verificar a produtividade das obras observando a forma em que estes textos têm dado origem a uma incrível multiplicidade de autores abarcando os mais variados gêneros e estilos. E o mais interessante é que essas narrativas continuam se reproduzindo até o dia de hoje; a corrente semiótica destes conflitos está viva, sua evocação desperta controvérsias e paixões e sua interpretação é utilizada pra servir causas das mais variadas intenções.

Devo ressaltar que não estou me referindo aqui ao que a crítica norte-americana Doris SOMMER (1991) chama ficções fundacionais na Literatura Latino Americana. Esta denominação restringe seu conteúdo aos romances da metade do século XIX, cujo exemplo mais notório no caso do Brasil são os trabalhos de José de Alencar, que visam decididamente cumprir uma missão na construção do Estado Nação. América Latina toda foi marco para o surgimento de tais textos, Sarmiento, Martí, José Mármol, Andrés Bello, entre tantos outros são exemplos desse projeto político literário. Os textos que estudamos aqui refletem provavelmente um momento imediatamente posterior a esse sonho idílico, as tragédias das jovens nações que lutam contra si próprias para impor um novo modelo civilizatório.

As escritas de Tomochic

A saga mexicana, que tem em Heriberto Frías e seu romance *Tomochic* o epicentro, compõe um conjunto discursivo que se pode dividir em três tipos. O primeiro tipo está formado por aquelas contemporâneas dos sucessos, de qualidades diversas e apresentando

visões nem sempre coincidentes, em forma análoga ao evangelho que repete os mesmos fatos em ordem diversa reafirmando assim o caráter épico da história. O segundo tipo se refere às muitas revisões que surgiram no século XX, são principalmente textos de caráter historiográfico, mas não por isso deixam de aportar sua criatividade, opinião e adicionar mais pontos de vista ao conflito. O terceiro tipo são os relatos ficcionais que tomam os diferentes aspectos do conflito e os recriam com diversos graus de liberdade interpretativa.

Heriberto Frías nasceu em Querétaro, el 15 de março de 1870 e ficou órfão aos 14 anos de idade. Teve que deixar os estudos na Escuela Nacional Preparatoria e trabalhar nos mais ingratos ofícios, “desclasado, infante desprotegido, niño trabajador” (FRIAS, 2008: 18). Foi preso aos quatro anos por roubar cinco pesos, sendo cobrador. Entrou no Colégio Militar em 1887, mas como já tinha feito antes seu pai, deixou o Colégio e ingressou no exército. Foi assim que participou dos enfrentamentos.

O romance escrito por Frías é a um mesmo tempo romântico e realista. No julgamento a que foi submetido pelo exército, uma testemunha afirmou ter escutado o subtenente declarar a intenção de escrever um romance sobre Tomochic inspirado na forma de *La Débâcle* de Emilio Zola. Centrada na personagem de Miguel Mercado, alter ego do autor, a narrativa se desenvolve a partir da chegada deste subtenente do nono batalhão na serra Tarahumara.

Sua textura física não favorecia seu desenvolvimento no âmbito militar para o qual não exibia nenhuma condição nem disposição. Era antes o “poeta” da tropa, escrevia as cartas dos soldados para as namoradas e passava regularmente uns tempos no calabouço pelo seu outro problema, o gosto excessivo pelo álcool.

Por fazer parte do 9º Batalhão foi enviado por trem até a Serra Madre para cobrir a insurreição de um pequeno povoado. A experiência foi comovente de tal forma que se viu compelido a escrever uma narrativa baseado nesses fatos. Foi publicado anonimamente no jornal *O Democrata* dirigido pelo seu amigo Joaquim Clausell e causou grande revolta no governo de Porfirio Díaz e no exército que pronto desconfiaram quem tinha sido o verdadeiro autor. Frías foi encarcerado e teve que negar a autoria do texto para salvar sua vida.

O texto sofreu importantes modificações nas primeiras edições. Utilizo para este trabalho a segunda edição digitalizada pela UNAM e a terceira. Última realizada em vida do autor, de 1911 editada em México e Paris - que contém o valioso prólogo de José Ferrel-encontrei este valioso exemplar numa livraria de velho em Buenos Aires e suas páginas ainda

sem refilar denunciavam que nunca tinha sido lido. Os acréscimos entre as edições superam o habitual e realmente é muito o que ganha a narrativa com as mudanças e agregados. Podemos ler isto como um indício da urgência como que foi escrito.

A narrativa conta a história do subtenente Miguel Mercado -alter ego do autor- que participa da última campanha contra Tomochic. A visão crítica é um elemento constitutivo do texto. Abundam as referências à hostilidade dos habitantes da região com os soldados federais e a incompreensão e brutalidade que estes mesmos soldados tem da problemática do povo da serra. Em analepse relata alguns antecedentes do conflito e na sua adjetivação, como sucede às vezes com Euclides da Cunha, podemos perceber claramente os resíduos de uma visão positivista, eurocentrada, mesmo em alguém que está observando de maneira direta que os “selvagens” não são tão bárbaros nem os “civilizados” tão humanos.

O romance de Frías conta detalhadamente o avanço das tropas e mistura sem problemas uma situação romântica entre o militar e uma jovem tomoche. A valentia de alguns militares que morrem na campanha e a habilidade e determinação dos defensores da cidade são exaltados sem ressalvas. Na terceira edição os capítulos têm nome - e são quarenta e dois contra os vinte nove da segunda- e o trinta e quatro chama-se “rezando, cantando e matando”. Uma pedra no sapato de Porfirio Díaz, o relato deste jornalista, militar e patriota sempre envolvido nas questões de seu país, várias vezes encarcerado por isso, é um dos principais elementos que ajudaram ao conhecimento do massacre na Sierra Madre.

Praticamente escrito também no fervor da luta e por alguém cujo envolvimento permanece um grande interrogante, temos o livro intitulado *Tomochic! Redención!* escrito pelo Engenheiro Lauro AGUIRRE (1994), em coautoria atribuída a Teresa Urrea, outra protagonista dos fatos em primeira pessoa. Lauro Aguirre foi um fervoroso opositor do regime de Porfirio Díaz e suas atividades, de um lado e do outro da fronteira entre México e Estados Unidos, não acabaram depois do massacre de Tomochic. Alguns escritos, assinados por Teresa Urrea, nos que se suspeita uma firme intervenção de Aguirre, foram encontrados entre os protagonistas da rebelião. Existe o interrogante sobre a participação concreta do engenheiro, se ele teria contribuído também com dinheiro ou armas, mas seu apoio ideológico está fora de dúvidas. Seu relato completa muitas informações que faltaram a Frías e oferece o ponto de vista dos sublevados.

Em 1928 aparece uma novela de Miguel BOLAÑOS CACHO (1928) que retoma os acontecimentos olhando a perspectiva de uma família afetada pelas atividades das companhias “deslindadoras” de terras, numa narrativa que junta os problemas fundiários com o fanatismo religioso. Bolaños Cacho foi um dos protagonistas do julgamento militar a que foi submetido Frías, acusado de traição pelo exército. Seu testemunho é utilizado no romance de Antonio Saborit baseado nesse episódio.

Francisco R. Almada publicou em 1938 o resultado da sua pesquisa historiográfica colocando ênfase nos enfrentamentos entre as distintas facções políticas como origem do conflito. A visão de Almada coloca praticamente todo o peso das ações nas diferenças entre a família TerrazasCreel e o grupo chamado dos “Papagochic” representados pelo governador Lauro Carrillo, para ele o massacre seria consequência desse jogo entre adversários políticos.

Em 1943, outro historiador, José Carlos Chávez publica as memórias do general Francisco Castro, quem participou diretamente na contenda como capitão do exército federal. O seu relato difere do de Heriberto Frías e não é estranho pois ele permaneceu no exército durante mais de trinta anos enquanto o autor de *Tomochic* foi expulso e quase enfrenta uma condenação à morte.

Em 1964, Plácido Chávez Calderón, descendente direto dos protagonistas do drama, publicou uma narrativa dos acontecimentos que oferece a “visão dos vencidos” (ILLADES AGUIAR, 2002: 42), atribui a tragédia ao abuso das autoridades e dos caciques. Outros trabalhos recopilaram estas informações, inclusive a Secretaria de Educação Pública edita em 1978 uma história em quadrinhos sobre o episódio, o número 13 da sua coleção *México historia de un pueblo*.

Mais recentemente, Rubén OSORIO (1995) publicou *Tomochic en llamas* uma revisão completa de todo o conflito. Neste livro se coloca em evidência a importância da população indígena da etnia Tarahumara, ligada em forma indissolúvel ao destino de Tomochic desde sua fundação. Uma grande pesquisa nos arquivos e nas correspondências entre os participantes sustenta suas afirmações. A noção de choque civilizatório ganha protagonismo após a leitura deste texto.

A pesquisadora Lilian ILLADES AGUIAR (1993) com *La rebelión de Tomochic* e depois com *Disidencia y sedición* realiza o levantamento mais rigoroso da documentação

sobre o episódio que existe na atualidade. A forma em que entendemos o conflito hoje é, sem sombra de dúvida, tributária do imenso trabalho desta grande historiadora.

O historiador norte-americano Paul VANDERWOOD (2003) realizou um amplo estudo sobre Tomochic, principalmente levando em consideração a questão religiosa. São vários seus trabalhos onde a rebelião aparece em diferentes planos, merece destaque *The power of God against the guns of the government* traduzido em espanhol como *Del púlpito a la trinchera*.

Também dentro das produções atuais devemos mencionar a Antonio SABORIT (1994), um estudioso do conflito de longa data que decidiu construir um romance com a informação que tinha acumulado sobre o tema e cujo resultado é o belo *Los Doblados de Tomochic*. É um caso muito interessante e inspirador, pois seu foco não é o sucesso central, mas uma consequência dele. Trata do julgamento ao que o exército de Porfirio submeteu o Tenente Frías sob a acusação de traição e de ter rebelado secretos militares. A única saída que o acusado encontrou foi negar a autoria da obra e foi por isso que ela só teve o nome do autor divulgado depois da terceira edição. A meta-história de Saborit, como sucede com a de Sándor Márai sobre Canudos, confirma a atualização constante do conflito dentro da contemporaneidade. Tomochic não se rendeu e sua obstinação continua ecoando na mente das pessoas do século XXI. Se a história, como diz Jordi CANAL (2014), é uma árvore de histórias, temos que aceitar aqui que estes relatos são também uma árvore de relatos.

Fechando a descrição das ramificações do caso mexicano, deixo constância da realização do longa metragem *Longitud de guerra* (1976) dirigido por Gonzalo Martínez Ortega, uma superprodução financiada pelo governo mexicano e que teve pouco sucesso de audiência.

As escritas de Canudos

Um panorama semelhante pode ser traçado sobre o relato do conflito de Canudos e sua produtividade. A posição de Euclides da Cunha e sua obra *Os Sertões* é central para quase todos os leitores/narradores do conflito, mas também convive com muitas outras vozes, além da sua, que mantém viva a memória da carnificina. Podemos pensá-las seguindo o mesmo

quadro aplicado a Tomochic em três grupos: aqueles textos escritos no momento do conflito, a revisão histórica posterior e os textos ficcionais que mantêm a atualidade do episódio.

Euclides da Cunha nasceu em Cantagalo, Rio de Janeiro em 1866, estudou na Escola Politécnica e posteriormente entrou na Escola Militar. Republicano convicto foi expulso do exército depois de ter atirado sua espada aos pés do Ministro da Guerra do Império. Com o triunfo da República foi reincorporado e promovido ingressando na Escola Superior de Guerra. Casou-se com Ana Emilia, a filha do Coronel Ribeiro, uma das lideranças do movimento Republicano. Como jornalista foi enviado a cobrir o desenlace do conflito de Canudos em reconhecimento aos dois artigos que tinha publicado com o título “A nossa vendeia” em que sustentava a tese de tratar-se o movimento conselheirista de uma conspiração monárquica que contará incluso com apoio de potências estrangeiras.

Um militar desencantado, que tinha deixado o exército para desenvolver uma segunda profissão como engenheiro civil e geólogo, Da Cunha era um discípulo do filósofo positivista Augusto Comte. Ele estava tão compenetrado dessas ideias, importadas da Europa, que as defende mesmo quando o colocam em aberta contradição com as suas próprias observações. Na mesma obra ele afirma que o sertanejo -definido por ele mesmo como produto da mistura de raças- “é, antes de tudo, um forte” (DA CUNHA, 2002: 146), e repete a ladainha eurocêntrica de considerar “A índole incoerente, desigual e revolta do mestiço, como que denota um íntimo e intenso esforço de eliminação dos atributos que lhe impedem a vida num meio mais adiantado e complexo” (DA CUNHA, 2002: 143).

Organiza suas anotações durante o conflito e depois de um trabalho de cinco anos publica *Os Sertões*, sua obra máxima que lhe valeu reconhecimento nacional e internacional. O livro está dividido em três partes: A terra, O homem e a Luta. Na primeira parte faz uma análise das características geológicas da região que, do seu ponto de vista, determinariam em grande medida a conformação da população. A ideia de “deserto” está muito presente na sua descrição e aqui também seus preconceitos entram em combate com suas observações. Na segunda parte, faz uma descrição racista dos tipos étnicos que ele considera diferenciados dentro da população sertaneja e novamente se encontra dividido entre a visão europeia e o que os seus olhos lhe mostram. A terceira parte é uma narrativa dos enfrentamentos, das quatro expedições que o governo enviou para acabar com Belo Monte e estabeleceu o relato padrão sobre o conflito em Canudos.

Contemporâneo de Da Cunha, *O Rei dos Jagunços* de Manoel BENÍCIO (1997), editado em 1899, é o resultado também do labor jornalístico. Benício cobriu como correspondente do *Jornal do Comércio* a quarta expedição que, ao mando do General Artur Oscar ia representar a derrota definitiva dos seguidores de Antonio Conselheiro. O escritor teve uma participação direta no *front* e “ao contrário de Euclides que, antes de rumar para Canudos, permaneceu o mês de agosto praticamente inteiro em Salvador [...] parece ter sido enviado diretamente para o campo da batalha” (AZEVEDO, 2002: 86). Outro elemento em comum com o autor dos Sertões é que ele pertencia ao exército, participou do conflito com a patente de Capitão honorário. Esta dupla posição de cronista e militar, forçou sua saída antecipada do teatro de operações. Suas críticas à tática e logística do general Artur Oscar não foram bem recebidas pelos mandos castrenses.

Embora o romance de Benício tenha sido publicado antes que *Os Sertões*, ele nasce influenciado também pelos textos anteriores de Euclides, especialmente os dois artigos intitulados “A nossa vendeia” publicados no jornal *O Estado de São Paulo*. Nas primeiras cartas que ele escreve como correspondente defende a diferencia entre sua produção e a do prestigioso escritor afirmando que não se pode “deitado no chão debaixo da barraca” dedicar seus esforços a “estas futilidades de estilo gráfico e leitura bonita” (BENICIO, 1997: 286). Apesar dessas limitações é comumente aceito que alguns episódios que nutrem obra de Euclides foram tomados integralmente dos testemunhos de Benício, embora sem reconhecer a fonte.

Outro romance, publicado em 1888, *Os Jagunços* foi escrito pelo jurista e jornalista mineiro Afonso ARINOS de Melo Franco (1985). Nesta obra que consta de dois volumes se faz uma descrição da situação da vida quotidiana no sertão, por meio de recriação dos seus personagens característicos. Arinos é um declarado monarquista que coloca sua pluma ao serviço desta causa. A diferença de Benício e Da Cunha, não participou pessoalmente do teatro dos combates. Algumas das suas descrições dos sertanejos se ajustam melhor à realidade dos vaqueiros de Minas Gerais que são os que o autor conhece melhor. De toda forma, sua narrativa pretende mostrar Canudos de dentro, a diferença dos outros livros que valorizam principalmente o olhar do exército atacante. Seu romance sobre Canudos teve escassa repercussão sendo uma edição de tiragem muito baixa. O restante da sua produção literária foi editado quase em sua totalidade em forma póstuma.

A trilogia de escritos não euclidianos, porém contemporâneos ao conflito, se completa com Emídio Dantas Barreto e suas obras *Última expedição a Canudos* (1898), *Acidentes da guerra* (1912) e *Destruição de Canudos* (1912). Dantas Barreto é um militar republicano que participou diretamente no combate junto da quarta expedição.

Existe também o caso curioso de Robert B. CUNNINGHAME GRAHAM (1920), viajante aventureiro, um dos fundadores do Partido Socialista Escocês, amigo de George B. Shaw e G.K. Chesterton, escreveu em 1920 *A Brazilian Mystic, being the Life and miracles de Antonio Conselheiro*. Não tendo participado diretamente das ações, ele conhece pessoalmente a região e utiliza essa experiência assim como as recolhidas nas suas viagens pela Argentina e México para completar a história. Sua compreensão dos enfrentamentos anteriores entre indígenas e portugueses e dos outros místicos que apareceram pelo sertão antes do Conselheiro resulta interessante, assim como as comparações que realiza o tempo todo entre o sertanejo e o gaúcho das pampas. Embora em muitas passagens seja muito fácil reconhecer *Os Sertões* como fonte, e esta crítica tenha sido feita com frequência, a narrativa de Cunningham aporta elementos que justificam sua leitura. Como na maioria dos textos sobre a guerra, a carência de documentos leva o autor a utilizar sua criatividade e talvez aí esteja parte do segredo da produtividade destas narrativas.

No segundo grupo, pelo viés historiográfico, sem dúvidas, o trabalho mais importante é o realizado pelo historiador baiano José Calasanz, referência obrigatória para qualquer um que deseje saber algo mais sobre os sucessos de Canudos. Os resultados das suas pesquisas se encontram espalhados em centenas de artigos e em material ainda inédito nos arquivos da Universidade Federal da Bahia. A partir do trabalho do Professor Calasanz começou a se desenvolver a possibilidade de pensar um Canudos não euclidiano que, sem negar a importância do escritor paulista, se preocupou de expandir o foco de atenção sobre aspectos até então esquecidos. A participação de populações negras e indígenas no grupo do Conselheiro, o caráter comunitário da sua organização social, a forma em que foram surgindo as lideranças são todas questões abordadas pelo professor que tem muitos continuadores, especialmente na Bahia.

Nos anos 70's, tempos de ditadura militar no Brasil, ganhou força uma nova leitura dos acontecimentos de Canudos. De inspiração marxista, esta leitura foi muito além da aplicação do materialismo histórico e dos conceitos de luta de classes pela propriedade dos

meios de produção. Seu mais claro expoente é Edmundo Moniz que dedicou várias obras ao tema. Sua posição o leva a afirmar que “Canudos foi a tentativa de estabelecer uma sociedade socialista no sertão da Bahia” (MONIZ, 1978: 11). Seu olhar radicalizado aporta, porém, muitas informações valiosas que a leitura oficial tinha esquecido. A disputa pela terra, a situação do latifúndio concentrado na Bahia em muito poucas famílias - começando pelos García D’Avila e a Casa da Torre até chegar no Barão de Jeremoabo- são colocados por Moniz no centro do debate.

Também faz um resgate das falsas acusações que foram levantadas contra Antonio Maciel em 1876. Destaca a origem política de ditas falácias nos líderes conservadores do Império e a ordem dada pelo então Secretário da Polícia da Bahia “que não deixasse voltar à Bahia mesmo que nada fosse apurado contra ele, pois, além de ter entrado em conflito com o vigário Itapicurú, seu regresso traria certamente resultados desagradáveis pela exaltação em que ficaram os espíritos dos fanáticos com a prisão de seu ídolo” (MONIZ, 1978: 27).

Algumas das afirmações de Moniz parecem hoje um pouco exageradas e sejam talvez fruto das paixões que existiam naquele tempo. Afirma sobre o Conselheiro que “seu utopismo baseava-se na criação fantástica da sociedade igualitária, as revoluções contra o feudalismo tiveram sempre por princípio uma volta ao cristianismo primitivo”. É crítico fervente de *La guerra del fin del mundo* (Vargas LLOSA, 1980) que descreve como o “suicídio literário” do autor (MONIZ, 1982). Por sua parte Vargas Llosa não tem sido mais benevolente com o historiador, sobre seu trabalho afirma: “Não creio que seja um livro muito científico. Sua tese, sua interpretação de Canudos, na qual o Conselheiro aparece como o Lênin do sertão, é talvez mais romanesca do que meu próprio romance” (SETTI, 1986: 44).

Vale of tears do historiador norte-americano Robert LEVINE (1992) constitui a mais completa pesquisa documental feita até os dias atuais. Publicado mais de dez anos depois do sucesso editorial de Vargas Llosa, transita comodamente por todas as fontes que o peruano evidencia ter consultado. A estas adiciona um enorme trabalho nos arquivos eclesiásticos, parlamentários, jornalísticos e dos principais conjuntos epistolares que se encontram disponíveis. Sua intenção, como ele mesmo a explicita, é fugir da romantização em que outros autores têm incorrido, embora o título “vale de lágrimas” mostre que será também um texto apaixonado como todos os que tratam de Canudos.

Levine coloca o conflito nos trilhos da história contextualizando o movimento liderado por Antonio Conselheiro dentro da crise política da nova República e das divisões internas dentro da oligarquia latifundiária que dominava o estado da Bahia. Também descreve acertadamente todos os movimentos anteriores de resistência ao poder central confirmando Belo Monte como um capítulo de uma luta mais longa. Na sua análise introduz o conceito de “visão do litoral” ao que dedica um capítulo inteiro e constitui uma boa chave para compreender as distorções que diversas narrativas introduziram sobre a população de Belo Monte. Além de um relato bem documentado sobre os posicionamentos cambiantes da igreja com relação a Conselheiro nos deixa uma bem organizada resenha dos enfrentamentos entre os “Gonçalvistas (Jeremoabo)” e os Viannistas e como suas disputas determinaram o ritmo dos acontecimentos. O historiador faz uma descrição detalhada dos diferentes grupos que migraram para Canudos, do ponto de vista social, étnico e cultural, e também dá detalhes precisos sobre a organização econômica do assentamento onde, afirma, moravam mais de 25.000 pessoas. Ele também é terminante quanto à improcedência de utilizar a noção de fanatismo religioso com os moradores de Belo Monte:

*But residence in Canudos does not require religious rebirth or any for of conversion to a messianic creed. Several things did not happen: there was no enforced standard of communal behavior, religious or otherwise, even though Conselheiro constantly reminded his congregants of their obligation to live according to God's law. There was no drunkenness, no prostitution, **no hunger caused by lack of food**. People visited Canudos, did their business and left. (negritas nossas) (LEVINE, 1992: 133)⁶⁶*

A posição final de Levine é nesse sentido coerente ao afirmar que os moradores de Canudos tinham motivações principalmente pragmáticas. Ele não duvida que tenha se tratado de uma comunidade que afirmava seu direito a viver em um lugar em que puderam refugiar-se de um mundo que era muito pouco amigável com eles.

No terceiro grupo temos as ficções de aparição mais recente. Em 1959 foi publicado *O Capitão Jagunço* de Paulo DANTAS (1959), uma outra revisão e meta-história que se autodeclara “romance” em letras de caixa alta. A obra centra-se na figura do traidor, de um

⁶⁶ “Mas viver em Canudos não requer renascimento religioso nem nenhum tipo de conversa a um credo messiânico. São muitas as coisas que não sucederam, não houve nenhuma imposição de um comportamento padronizado comunitário, religioso ou de qualquer natureza, mesmo quando Conselheiro lembrava constantemente aos seus seguidores a obrigação de viver na Lei de Deus. Não houve alcoólatras, nem prostituição, **nem fome causada por falta de comida**. As pessoas visitavam Canudos, faziam seus negócios e iam embora.

jagunço que teria oficiado de guia do exército no seu assalto a Canudos (um personagem semelhante também aparece na obra de Benício). Relata anedotas e causos dos personagens mais famosos do conflito e contribui com o estereótipo folclórico que se faz de Antonio Conselheiro.

Em 1970, o escritor húngaro Sándor Márai publicou *Ítélet Canudosban* que seria traduzido ao português em 2002 com o título de *Veredicto em Canudos*. A proposta do húngaro é bem interessante pois constrói uma metanarrativa, de conteúdo decididamente ficcional, a partir da cena do final da guerra em que a morte do Antonio Conselheiro é colocada em dúvida. Aparições fantasmagóricas e a participação de simpatizantes estrangeiros na sublevação são elementos chave na construção do seu relato. O tempo da escrita também tem muita importância nesta releitura, pois o autor concluiu a obra depois dos sucessos de maio de 68 na França. Nas últimas páginas da tradução brasileira temos uma nota do autor onde explica claramente o sentimento que teve perante o livro de Euclides “como se tivesse alguma coisa que tivesse de ser dita” (MARAI, 2002: 153), assim ele começou a escrever o que “sentia que faltava”. Afirma que a inspiração para finalizar a obra veio dos estudantes franceses do 68 que escreveram “seja razoável, peça o impossível”, tal vez o sonho de liberdade de muitos habitantes de Belo Monte.

A constelação literária em torno às lutas de Antonio Conselheiro teve no século XX uma grande renovação a partir da publicação, em 1981, de *La guerra del fin del mundo* de Mario Vargas Llosa. É um pouco cedo para fazer uma afirmação conclusiva, mas talvez seja este texto uma nova “fundação”, pois tem se convertido em referência inexorável quando do conflito se trata.

O lançamento do romance despertou grande expectativa, o autor tinha feito uma extensa pesquisa tanto no Brasil como no exterior e chegava precedido de grande prestígio intelectual na esquerda latino-americana. Ao mesmo tempo, o escritor tinha utilizado como marco para suas obras sempre seu Peru natal, pelo que este seria o primeiro romance seu que aconteceria em outro país. E seria no Brasil, o único lusófono da América do Sul e sob um fato histórico que tantas e tão boas páginas tinha inspirado. Também de alguma forma poderia ter que rivalizar com um escritor canônico como Euclides da Cunha, ícone da literatura brasileira.

O prestígio intelectual e a qualidade literária do romance do escritor peruano teve um efeito semelhante ao que produziu na época a obra de Euclides. Atraiu a atenção novamente sobre o relato da guerra no sertão, desta vez para uma audiência global fazendo que em lugares distantes do planeta se escute falar de Antonio Conselheiro e seus jagunços. Encontra-se uma multidão de trabalhos acadêmicos sobre *La guerra del fin del mundo* no Brasil, em outros países da América Latina, nas universidades da França, da Suécia, dos Estados Unidos. Desse ponto de vista constitui um aporte muito importante para a vigência do relato. O interesse pelo sucedido se acendeu novamente, a Rede Globo produziu o filme de Rezende, a Universidade do Estado da Bahia construiu o Memorial na Nova Canudos. Berthold Zilly, tradutor de *Os Sertões* para o alemão, me disse num seminário que somente foi possível conseguir o apoio de uma editora alemã para publicar seu trabalho a partir do sucesso do livro de Vargas Llosa. O impacto simbólico é tal que na Nova Canudos existe uma rua que em lugar de levar o nome do Barão de Jeremoabo, latifundiário e dono das terras onde se ergueu o arraial, leva o nome do Barão de Canabrava, personagem ficcional criado por Vargas Llosa no seu romance.

A obra de Vargas Llosa sobre a que já tenho discorrido extensamente em outros trabalhos (AZPEITIA, 2014) assume uma atitude polifônica quanto aos atores do conflito e se propõe dar voz às diferentes narrativas existentes. Nela têm espaço os marginais que não encontravam lugar na sociedade, têm voz as beatas e as famílias simples que acompanharam o Conselheiro desde os começos; até as pessoas de circo e suas narrativas medievais europeias têm espaço. Do ponto de vista romanesco, trata-se de uma construção impecável, os saltos no tempo, as narrativas paralelas, todo contribui para o engajamento do leitor e para colocá-lo o mais próximo possível da paisagem e da angústia daquela guerra.

Merece uma menção especial a presença dos homens-palavra como foram descritos já em diferentes trabalhos, como o de Angela GUTIÉRREZ (1996), que destacam a presença de narradores como atores importantes do conflito. Não importa apenas o que aconteceu mas também o que se conta disso e quem é que o conta. O León de Natuba, escriba do Conselheiro, Galileo Gall, o esquerdista ridicularizado e o Jornalista Miope, alusão bastante clara ao próprio Euclides da Cunha, dão testemunho das diferentes escritas sobre o conflito.

Do ponto de vista do relato, Vargas Llosa deixa de lado os determinismos geográficos do autor d'*Os Sertões* e suas múltiplas considerações sobre as misturas de raças, embora elas

estejam presentes como referência ao pensamento da época. Mas, apesar de todos os aportes e da grandiosa pesquisa que se revela por trás do romance, a base continua sendo Euclidiana, a centralidade do atavismo de Antonio Conselheiro e sua história de vida como motivo do conflito e o fanatismo cego dos seus seguidores como detonante da repressão do poder central. O tempo presente com o que conecta a obra de Vargas Llosa é uma América Latina do fim dos anos 70 que está sofrendo a repressão de movimentos insurgentes a mãos dos exércitos nacionais em forma análoga ao acontecido em Canudos. Sua tentativa de compreensão histórica -tanto do passado como do presente- parece ficar no mesmo ponto que a do Jornalista Miope que a descreve como “uma história de loucos” ou “um grande mal entendimento”. O texto do Nobel peruano é hoje o cânone, um ponto de partida para tentar compreender ainda um pouco mais sobre o que essa “história” pode contar para nós.

José J. VEIGA (1994), em data posterior à publicação do romance de Vargas Llosa, e tal vez na cauda deste sucesso literário, escreve *A casca da serpente*. O relato de Veiga supõe uma “retificação” da história de Canudos, podemos dizer até um melhoramento, pois nela o beato não morre. O Conselheiro é transportado fora de Canudos antes da entrada do exército e o corpo que os republicanos degolam e levam como prova da vitória definitiva é o de outra pessoa. Quase uma “fan fiction”, uma sequência dos romances da guerra, com humor e uma prosa alegre nos leva a pensar na possibilidade de que os sonhos dessa terra limpa, generosa e feliz podem continuar existindo, se não na realidade, ao menos na imaginação das pessoas que decidem ler o livro.

Menciono aqui também, sem me aprofundar na crítica da obra que foge ao alcance deste trabalho, a existência do filme *Guerra de Canudos* (1996) com direção de Sergio Rezende. A diferença do filme sobre Tomochic, este filme contou com ampla divulgação e a participação de atores muito populares na época. A base do relato é completamente euclidiana, embora também incorpore muitos elementos ficcionais.

Considerar estes relatos no conjunto, em particular aqueles que consideramos textos fundacionais, leva a refletir sobre a importância que eles têm dentro de história cultural de suas nações. O convite que faço neste trabalho é a repensar as narrativas que constroem essa história observando a divisória de águas que se produz no final do século XIX, onde um projeto “modernizador”, que vem trazer “ordem e progresso”, acaba causando a morte de dezenas de milhares de homens, integrantes dessa sociedade que pretendem reformar. Trata-se

de um choque civilizatório paradigmático que define em grande medida os desenvolvimentos posteriores nas principais nações de América Latina.

Outros enfrentamentos semelhantes a estes dois que estamos trabalhando aconteceram neste período. Uma forma de organização social, que existia neste continente e que tinha conseguido se adaptar de alguma forma dentro do esquema quase-feudal instaurado pela dominação Ibérica, não conseguiu sobreviver às novas formas de exploração capitalista que fizeram parte do projeto modernizador de finais do XIX. A chegada do trem, do telégrafo, mas também dos canhões, das espingardas de vários tiros e a convicção impiedosa da superioridade da “raça europeia” deram como resultado estas deploráveis catástrofes.

No Brasil a história é bem antiga, temos o registro da Confederação dos Tamoios (1563) da Santidade de Jaguaribe (1584) e a resistência dos tupis-guaranis aos portugueses desde o século XVI que tomou forma de lutas migratórias. No sul de Pernambuco, Rodeador (1817-18290) e Pedra Bonita (1830). A Cabanada (1832) no Recife e as comunidades estabelecidas pelo Padre Cícero a partir de 1890 (embora ele tenha feito todas as concessões necessárias para não perder o apoio da igreja e dos coronéis). O Contestado no Paraná com o beato José María (1912-1915) e o massacre no Caldeirão do Deserto, em 1937 durante o Estado Novo de Vargas.

No México, a serra Tarahumara tem sido protagonista de sublevações praticamente desde as origens da invasão espanhola. O índio tarahumara Gabriel Teporame ordena em 2 março de 1652 que todos os brancos sejam externados (OSORIO,1995: 80). O líder da revolta é finalmente feito prisioneiro, mas sendo batizado na fé cristã, rejeita arrependimento ou confissão. É enforcado numa árvore em Tomochic em 4 de março de 1653. O padre Hostinsky, jesuíta checoslovaco, constrói uma igreja e uma casa em Tomóchic, destruída e incendiada pelos índios em 1688 durante uma ausência do religioso. Em 1692, outro jesuíta também checoslovaco constrói outra igreja que é novamente incendiada e destruída, os seus bens são roubados e o gado é morto pelos índios.

É necessário realizar uma compilação dos relatos, sobre Canudos e Tomochic, procurando ser o mais amplo possível e recolhendo em parte o que se encontra nessas fontes citadas. Não é um relevamento exaustivo, mas pretende oferecer uma visão ampliada com relação aos relatos oficiais e ao mesmo tempo ser informativa para quem não tem grande conhecimento dos sucessos. As coincidências entre o acontecido em Canudos e os sucessos de

Tomochic permitem ao pensador latino-americano realizar uma releitura de sua história contemplando as enormes semelhanças nos movimentos de sublevação e resistência produzidos no continente, invitando também a repensar os caminhos da América profunda.

Referências bibliográficas

AGUIRRE, Lauro y URREA, Teresa, "Tomóchic! Redención!", *El Independiente*, El Paso, Texas, El Progresista, 1896, en Vargas Valdez Jesús (comp.), *Tomóchic: la revolución adelantada. Resistencia y lucha de un pueblo de Chihuahua contra el sistema porfirista (1891-1892)*, vol. 2, Ciudad Juárez, Universidad Autónoma de Ciudad Juárez, 1994.

ARINOS, Afonso. *Os Jagunços*. 3. ed. Rio de Janeiro: Philobiblion. 1985; [1898].

AZEVEDO, Silvia Maria. *Manoel Benício: um correspondente da guerra de Canudos*. IN: REVISTA USP, São Paulo, n.54, p. 82-95, junho/agosto 2002

AZPEITIA, Juan I. *Espelhos de Canudos na Guerra de Vargas Llosa*. Dissertação de Mestrado UNEB 2014. Disponível em https://www.academia.edu/11851339/Espelhos_de_Canudos_na_guerra_de_Vargas_Llosa.

BENICIO, Manoel. *O Rey dos Jagunços*: chronica histórica e de costumes sertanejos sobre os acontecimentos de Canudos. Ed. fac-sim. VIII+409p. (Coleção Memória brasileira; n.8). Brasília, DF: Senado Federal, 1997 (Fac-símile de: Rio de Janeiro: Garnier, 1862).

BOLAÑOS CACHO, Miguel, *Sembradores de vientos*, San Diego, s.l.e., 1928, 453 p

CANAL, Jordi. *La historia es un árbol de historias*. Zaragoza: Prensas de la Universidad de Zaragoza, 2014

CUNNINGHAME GRAHAM, Robert B. *A Brazilian mystic, being the life and miracles de Antonio Conselheiro*. New York : Dod, Med and Company. 1920.

DA CUNHA, Euclides. *Os Sertões*. São Paulo: Martin Claret, 2002

DANTAS, Paulo. *O Capitão jagunço*. São Paulo: Editora brasiliense, 1959

FRIAS, Heriberto. *La escritura enjuiciada/Heriberto Frías; selección y estudio preliminar de Georgina García Gutiérrez*. México:FCE, fundación de Letras Mexicanas, UNAM 2008

GUTIERREZ, Angela. *Vargas Llosa e o romance possível da América Latina*.Fortaleza: EUFC; Rio de Janeiro: Sete Letras, 1996

ILLADES AGUIAR, Lilián. *La rebelión de Tomochic*.México D.F.: Instituto Nacional de Antropología e Historia. 1993

- ILLADES AGUIAR, Lilián. *Disidencia y sedición*. 2002
- LEVINE, Robert M. *Vale of tears*. Los Angeles: University of California Press. 1992
- MÁRAI, Sándor. *Veredicto em Canudos*. São Paulo: Companhia das letras. 2002
- MONIZ, Edmundo. *A guerra Social de Canudos*. Rio de Janeiro: Editora Civilização brasileira. 1978
- MONIZ, Edmundo. *Canudos: o suicídio literário de Vargas Llosa*. Encontros com a Civilização Brasileira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.
- OSORIO, Rubén. *Tomochic em Llamas*. México D.F.: Consejo nacional para la cultura y las artes. 1995
- SABORIT, Antonio. *Los doblados de Tomochic*. México D.F: Cal y arena/Aguilar, 1994
- SETTI, Ricardo A. *Conversas com Vargas Llosa*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- SOMMER, Doris. *Foundational Fictions. The national romances od Latin América*. Berkeley, California: University of California press. 1991.
- VANDERWOOD, Paul. *Del Pulpito a la trinchera*. México D.F. Alfaguara, 2003
- VARGAS LLOSA, Mario. *La guerra del fin del mundo* Barcelona: Seix Barral, 1980.
- VEIGA, J.J. *A casca da serpente*. Rio de Janeiro : Ed. Bertrand Brasil, 1994
- VERON, Eliseo. *La semiosis social*. Barcelona: Editorial Gedisa, 1993.

